

ENTREVISTA CONCEDIDA POR
RUI DE OLIVEIRA SALAZAR DE LUCENA E MELLO
A "SALAZAR O OBREIRO DA PÁTRIA"

Rui de Oliveira Salazar de Lucena e Mello, casado, sobrinho-neto do Doutor António de Oliveira Salazar, reside no Vimieiro / Santa Comba Dão, local onde nasceu o seu tio-avô em 1889.

1. Feita a apresentação, começava por perguntar ao Sr. Dr. Rui Salazar, se nos pode transmitir qual é a sensibilidade da maioria da população local, acerca da figura da Salazar?

R: A esmagadora maioria da população, e que não se mete em politiquices, acolhe naturalmente e de forma pacífica, argumentando com justiça que se trata de um filho da terra, e nalguns casos, vão ao ponto de, com alguma vaidade, afirmar que foi uma figura de topo da política nacional e internacional.

2. Quando visitamos o Vimieiro / Santa Comba Dão, fica-nos um sentimento de indiferença relativamente a tudo o que diz respeito à memória do seu tio-avô. O caso mais notório é o estado do complexo habitacional e toda a envolvente, outrora pertença da família ...

R: De facto, a edilidade, que já conheceu alternativamente duas tendências doutrinárias, nada tem feito que dignificasse a figura de Salazar. Talvez por, ou simultaneamente, cobardia política, algum provincianismo e oportunismo político.

3. Em qualquer país civilizado, que preze a sua História, independentemente das preferências ideológicas, existe a preocupação de salvaguardar a memória histórica. Como entende esta sonegação da verdade histórica referente à II República?

R: Ao tempo do Estado Novo, Portugal viveu momentos únicos aos níveis social, económico, financeiro e político. Foi um período glorioso, também aos níveis moral e espiritual. Naturalmente que com a usurpação do poder que deu origem à III República por um grupo de revolucionários de mão-vazia, sem princípios positivos, Portugal assumiu uma cultura de esvaziamento do pensamento, por acção voluntária, em não dar continuidade ao desenvolvimento que se verificava. Foi deliberadamente, dividir para reinar, fazendo crer à população que resultava no enriquecimento colectivo, a destruição das instituições existentes. Como podemos verificar hoje, a política assumida desde há 36 anos, resultou, não na defesa, mas no afundamento de Portugal. Todo este enriquecimento criminoso, só foi possível, envenenando a população contra o regime presidido por Carmona, Craveiro Lopes e Américo Tomás, criando ao mesmo tempo um pertença clima de progresso global, mas falso. Em suma, foi desenvolvida uma linha de desarticulação do país, até à incapacidade de controlar a situação. Foi todo um trabalho de calúnias, para obtenção de proveitos próprios. Foi isto apenas que moveu os novos actores da economia portuguesa.

4. Voltando à terra do Presidente Salazar, gostava de conhecer a sua opinião sobre o que se tem feito no contexto do que estamos a debater e se seria possível ser visível, já hoje, alguma mais valia para o concelho de Santa Comba Dão?

R: Evidentemente que já poderíamos estar a beneficiar, principalmente ao nível económico, se da parte de quem tem o poder autárquico, houvesse vontade e determinação. O que se pode verificar é a degradação do património imobiliário, e vamos nós saber que intenção esconde este aparente marasmo. Falou-se na construção de um Museu, mais recentemente, num Centro de Estudos do Estado Novo. Ultimamente, foi dito pelo edil que estava a ser criada uma associação para coordenar a recuperação e / ou construção do referido Centro de Estudos, mas a ser verdade, está tudo no segredo dos deuses. Sei que existem voluntários para participar quer no capital quer na planificação da obra, mas, a não haver acordos de bastidores, a qualquer espectador, tudo se apresenta parado. Da minha parte, existiu desde o início, disponibilidade total que já resultou na doação de bens móveis e imóveis que me cabiam por herança. Curiosamente, tivemos no dia 24 de Julho, aqui no Vimieiro, por altura da homenagem do 40º aniversário da morte do Doutor Salazar, uma pequena exposição, facto inédito desde o 25 de Abril, e que contou com uma afluência acima de esperado. Ora, só veio provar ser fácil e com investimento quase nulo para a edilidade, uma mostra permanente, tendo em conta tudo o que já existe em poder da Câmara, e que era pertença do meu tio-avô. Temos por exemplo um edifício no Vimieiro, a Escola Cantina Salazar, que poderia servir de arranque, ao que viesse a ser decidido posteriormente.

5. Referiu apenas o factor económico como trampolim para viabilizar a justa homenagem ao Doutor Salazar. E os valores sentimental, patriótico, nacional, não se deveriam impor a qualquer outro, e os que deveriam mover qualquer iniciativa?

R: Bom, o tipo de assunto que estamos a abordar, mexe com sensibilidades tanto à esquerda como à direita. Uns e outros reclamam justiça, mas ambos têm uma noção diferente da sua aplicação. É difícil agradar a gregos e troianos. Em última análise, em todos nós existe a necessidade de impor o que é certo. Só temos que saber conduzir as acções tentando beliscar o menos possível susceptibilidades.

6. Recentemente, em Maio deste ano, foi inaugurado um monumento em memória dos filhos da terra, mortos em combate na guerra do ultramar, no mesmo local onde já esteve a estátua do Doutor Salazar. Choca-o o facto da indiferença ou até mesmo a tentativa de apagamento da memória, curiosamente, cada vez mais viva em termos nacionais do Grande português, que o país elegeu?

R: Pela experiência que tivemos quanto ao que aconteceu à estátua do meu tio-avô, verificamos que nos meios pequenos, de província, símbolos com elevada carga emocional, traduzem quase sempre, e foi o caso, o reflexo de influências externas ao pensar dos habitantes da terra. Naquela época, o clima era escaldante por todo o país, e Santa Comba Dão não foi excepção. O tempo se encarregará de corrigir esta, como outras leviandades cometidas. Quanto ao novo monumento, deveria existir um em cada concelho, porque sem dúvida, os nossos soldados, mortos em combate, foram indiscutivelmente uns heróis. Mas atenção,

aqueles que morreram por outras razões, como por exemplo, e foram tantos, em acidentes de viação, ou vitimados por outros tipos de acidentes alheios ao quadro da guerra, não deveriam ombrear as mesmas honras que os primeiros. Até por uma questão de honestidade e justiça.

7. Deixa-me de certa forma confuso, o facto de a população de Santa Comba, ser favorável à construção do Museu Salazar ou Centro de Estudos (penso até que para a população, o nome a dar ao que venha a ser feito, é de certa forma indiferente), por outro lado, nada fazem para que essa pretensão se torne realidade. Porque será? Afigura-se-me que não seja por falta de dinheiro!

R: Nestes meios pequenos não é fácil mobilizar a população. Uma parte, vive de actividades quase unipessoais, a outra parte, depende de instituições sob a tutela directa ou indirecta da Câmara. Se no primeiro caso as pessoas quase já não têm ânimo para sobreviver, no segundo caso, não é aconselhável assumirem posições de confronto com a entidade patronal. Sobre o dinheiro, é como diz, não acredito que seja por falta de verba. Repare, o monumento aos heróis do ultramar, fez-se sem dificuldade. Está pensado também, um monumento ao Bombeiro, que está apenas suspenso por falta de oportunidade. Por último, toda esta polémica à volta da homenagem que a câmara venha a fazer ao meu tio-avô, tem vários interessados em participar. Aliás, foi dito pelo Sr. Presidente da Câmara à Sra. Ministra da Cultura, entrevista que se tornou pública, que a Câmara não precisava dos dinheiros do estado para fazer o dito museu. Não sendo o dinheiro um óbice, talvez o seja o momento político. Entretanto, Sei que existem contactos entre a Câmara e a Direcção-Geral das Autarquias Locais, que se iniciaram há alguns anos, mas infelizmente não há desenvolvimento favorável. À parte a falta ou não de dinheiro, todo o processo está encravado, por falta de decisão do Estado.

8. Uma última pergunta: chegou ao nosso conhecimento, que na sequência da exposição que fizemos no dia 24 de Julho aqui no Vimieiro para comemorar o 40º aniversário da morte do Doutor Salazar, foi abordado no sentido de vender, entre outros objectos, a condecoração oferecida ao Doutor Salazar, pelo Rei da Roménia. Pode esclarecer-nos quanto à veracidade da notícia?

R: Gostaria de manter o assunto sob reserva. Existiram alguns contactos. Uns com interesse de aquisição, outros de aluguer, mas não quero pormenorizar. No entanto, adianto que a memória da História não se perde pela distância física que possa existir entre o local dos acontecimentos e os locais de homenagem. Em qualquer parte do Mundo existem portugueses, e onde exista um português de bem, existe a memória de Salazar.

Sr. Dr. Rui Salazar, agradeço a disponibilidade, e o facto de ter acedido a que a entrevista tivesse tido lugar num dia, também ele carregado de significado. 6 de Agosto, data da inauguração da Ponte Salazar, hoje conhecida com o nome "25 de Abril", por usurpação, após a fatídica negociata administrativa ... que correu mal!

Vimieiro, 6 de Agosto de 2010